



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9400 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A MEMÓRIA DA PRESENÇA NEGRA NOS HORIZONTES DA CIDADE: O FESTIVAL DE ARTE NEGRA (1995-2003)

Camila Cristian Contão - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Shirley Aparecida de Miranda - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A MEMÓRIA DA PRESENÇA NEGRA NOS HORIZONTES DA CIDADE: O FESTIVAL DE ARTE NEGRA (1995-2003)

RESUMO

A presente pesquisa pretende compreender a iniciativa de visibilização da presença negra na cidade de Belo Horizonte. O marco histórico-cultural que nos orienta é o Festival de Arte Negra (FAN) em suas duas primeiras edições ocorridas nos anos de 1995 e 2003 respectivamente. A revisão da literatura indicou ausência de estudos que focalizem o FAN. Buscamos, a partir de uma perspectiva colaborativa não-extrativista, realizar um estudo de caso tendo por referências a memória da presença negra na cidade de Belo Horizonte a partir da arte negra. Na proposta de “conhecer com” e não “conhecer sobre” quem nos guia nesse processo são o arquivo e o repertório do artista negro cosmopolita Gil Amâncio, curador e organizador das primeiras edições do FAN.

Palavras-chave: Memória, Educação, Festival de Arte Negra.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por perspectiva compreender a iniciativa de visibilização da presença negra na cidade de Belo Horizonte, a partir do Festival de Arte Negra (FAN), e quem nos direciona nessa travessia é o artista negro cosmopolita Gil Amâncio, curador e organizador do festival juntamente com a equipe da Secretaria Municipal de Cultura (SANTOS, 2008). O FAN conta com dez edições realizadas entre 1995 e 2019, sofrendo um hiato entre 1995 e 2003. Portanto, buscamos evidenciar o contexto e repertórios de conhecimento que circularam entre artistas negras e negros e coletivos expressivos na cidade de modo a mobilizar a criação, realização e manutenção do festival.

Entendemos a memória enquanto conhecimento, registro e disputa. Os movimentos negros,

que em sua luta reeducam a sociedade brasileira (GOMES, 2016), tem se amparado na perspectiva de uma re-politização da memória (CUNHA PAZ, 2019) para se desvencilhar daquilo que mortifica ou impede que a comunidade negra evidencie seus feitos e os modos de pensar africano e afro-diaspórico.

Pretendemos, a partir da perspectiva afrogênica de Walker (2018), perceber o protagonismo de pessoas negras e a construção de um conhecimento produzido desde dentro da diáspora. Portanto, trilhamos em direção ao entendimento da memória como repertório de conhecimento que se atualiza na performance (TAYLOR, 2013, p.19).

Em Santos (2008), Gil Amâncio salienta que em 2003, na segunda edição do evento, um dos debates era “Como o FAN poderia ser um canal de provocação do imaginário da cidade em relação à cultura negra?”, e isso nos faz perceber que havia discussões propostas dentro do festival que faziam circular um repertório de conhecimento contraposto à uma monocultura do saber.

O FESTIVAL DE ARTE NEGRA - FAN

O Festival de Arte Negra de Belo Horizonte representa um trabalho político que envolveu artistas, militantes e poder público em meados da década de 1990. Sobre o processo de idealização do festival, Gil Amâncio relata como se deu:

A minha viagem para a Alemanha impressionou-me muito, principalmente no campo das políticas públicas. Logo que cheguei, fui conversar com a Antonieta (Cunha) por ter sido comunicado que ela queria conversar comigo. Quando nos encontramos, ela me contou do convite que o Patrus (Ananias), na época eleito prefeito de Belo Horizonte, havia lhe feito para ser a Secretária Municipal de Cultura. Ela me disse, então, que gostaria que eu fizesse parte da sua equipe. [...] Conversando sobre a viagem, eu lhe falei sobre as coisas que me despertaram atenção neste país: os Centros Culturais da Juventude, as exposições sobre a África, os espetáculos de arte africana contemporânea. [...] Além disto, apresentei a ideia sobre a realização de um festival de arte negra [...] E, assim, surgiu a ideia do FAN. Quando eu fui para a Secretaria, encontrei com Marcos Cardoso que estava articulando a comemoração dos 300 anos de Zumbi. Era uma ideia que complementava a outra. (SANTOS, 2008, p.70).

Evandro Lima (2019) traz uma importante contribuição acerca do contexto político que gesta a possibilidade de criação do festival:

Aqui em Belo Horizonte em 1994 houve o 1º Seminário Cultura Negra e o Significado Histórico do Tricentenário de Zumbi dos Palmares, evento organizado por militantes do movimento negro e artistas da cidade, com a intenção da criação do Centro de Referência da Cultura Negra (CRCN). [...] Registramos esse seminário aqui pois ele foi o embrião do FAN [...] desde 94, aqui já havia uma preocupação em se ter uma valorização maior para a cultura negra e a periférica. (LIMA, 2019, p.74-75).

Já Marcos Cardoso (2020), filósofo, mestre em história e militante do movimento negro, em sua exposição *online* sobre ativismo apresenta reflexões sobre o contexto de criação do FAN e das intenções que partem da militância do movimento negro:

O FAN combina essa articulação de pensar a cidade e a invisibilidade dos fazedores de cultura, de arte na cidade, essas expressões artísticas muito invisibilizadas, sem espaço na cidade. Por outro lado, era necessária a produção dessa visibilidade, apresentar isso pra cidade e pra fazer isso era necessária a mostra da arte negra, não só na cidade, mas pensar a arte negra no contexto mundial, que hoje a gente fala afro-global. Então, a ideia era fazer um festival internacional da arte negra, trazer experiências mesmo que simbólicas dessa arte e cultura no mundo inteiro, na diáspora, para Belo Horizonte e produzir essa visibilidade. [...] No ponto de vista institucional a ideia era colocar BH como a capital mundial das artes negras [...]

Desse modo é possível perceber as contribuições desse festival para pensarmos o lugar da arte e cultura negra e de artistas negros da cidade, e principalmente as lutas que envolveram o direito a promover espaços de discussão, fruição e difusão do pensamento africano e afro-diaspórico.

OBJETIVOS

Temos por objetivo geral compreender a manifestação da presença negra na cidade de Belo Horizonte a partir da circulação da memória, enquanto repertório de conhecimento da cultura afro-diaspórica no Festival de Arte Negra. E mais especificamente: a) Inventariar as produções sobre o FAN no repertório de Gil Amâncio; b) Identificar sujeitos envolvidos na articulação e produção das duas primeiras edições do FAN (1995 e 2003); c) Identificar as memórias evocadas por artistas e sujeitos envolvidos na articulação e produção das duas primeiras edições do FAN; e d) Analisar o repertório de conhecimento que repercutiu no entendimento de arte e cultura afro-diaspórica na cidade.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa se encaminha enquanto estudo de caso qualitativo de caráter exploratório explicativo (GIL, 2009) por se tratar do primeiro Festival de Arte Negra da cidade de Belo Horizonte que se propõe discutir a arte e cultura africana e afro-diaspórica. Nos guiaremos pelo arquivo e repertório de Gil Amâncio. Assim, optamos por uma abordagem colaborativa não extrativista, na qual a co-criação é central (SANTOS, 2019).

A aproximação com o artista teve início em 2019 na disciplina da Formação Transversal em Relações Étnico-Raciais: História da África e Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 2020, no âmbito do projeto de pesquisa Raça e Descolonização de Práticas Educativas (Ciberterreiro) tivemos a oportunidade de colaborar na construção do memorial do artista para indicação ao título de notório saber, postulando o grau de doutor em educação, de acordo com a Resolução Complementar 01/2020 do Conselho Universitário da UFMG. A proposta de pesquisa converge com demandas do artista, no sentido de organizar e divulgar o conhecimento produzido no FAN como mais uma força de evidência da presença negra na produção da cidade. Por isso, a análise documental de seu arquivo pessoal se faz importante, pois nela poderemos, conjuntamente, identificar as performances que foram contidas nesse arquivo e a partir desse levantamento traçarmos as possibilidades de entrevistas com outros sujeitos.

Enquanto procedimentos metodológicos optamos por: a) análise documental a partir de documentação do arquivo do artista Gil Amâncio; b) entrevistas episódicas que serão realizadas com Gil Amâncio, sujeitos e grupos envolvidos na elaboração e realização do festival.

Tendo em vista que nosso objeto de pesquisa implica na trajetória dos participantes, a entrevista episódica possibilitará que as/os sujeitas/sujeitos discorram sobre as memórias evocadas e do repertório de conhecimento que circulava na cidade no momento de criação e organização do festival.

REFERÊNCIAS

CUNHA PAZ, Francisco Phelipe. **Na casa de Ajalá: comunidades negras, patrimônio e memória contracolonial no cais do valongo – a “pequena África”**. 2019. 218f. Dissertação (Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GIL, Antônio Carlos. O que é estudo de caso. In: GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009. pp. 1-24.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LIMA, Evandro Nunes de. **Teatro negro e atitude: corpos negros na cena em Belo Horizonte**. 2019. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Eneida Pereira. **Gil Amâncio & Encontros: processos educativos, cultura negra, intervenções de mestres e convivência**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, MG. 2008. 362f.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Tradução: Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2013.

WALKER, Sheila S. (Org). **Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Tradução: Viviane Conceição Antunes. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.